



## GRUPOS DE PESQUISA SOBRE CIDADE E O ENSINO DE GEOGRAFIA: INTERFACES COM AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS<sup>1</sup>

Daniel de Sousa Bueno<sup>2</sup>  
Mugiany Oliveira Brito Portela<sup>3</sup>

### RESUMO

Este estudo surgiu a partir de reflexões sobre a relação dos grupos de pesquisas que estudam a temática cidade, especialmente os vinculados ao ensino de Geografia, com as pesquisas que vêm sendo produzidas sobre o ensino de cidade no âmbito da Geografia escolar. Com isso, visamos responder a seguinte questão: em que medida os grupos de pesquisas sobre ensino de cidade influenciam na produção do conhecimento a respeito desta temática nos trabalhos de Pós-graduação em Geografia, no Brasil? Para responder esta questão, a construção deste trabalho teve por objetivo apresentar os grupos de pesquisas referente a cidade, especificamente aqueles que dialogam sobre o ensino de Geografia, no intuito de conceber a possível relação desses grupos com as produções acadêmicas acerca dessa temática. A pesquisa possui um enfoque descritivo dos grupos levantados no Diretório dos Grupos Pesquisas no Brasil, ligada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq. Foram selecionados 13 grupos, dos quais 03 tratam especificamente do ensino de cidade. Para coletar as informações aplicou-se um questionário aos três líderes dos grupos. A organização e análise dos dados se deu através de uma abordagem qualitativa com a descrição das informações na respectiva sequência: nome do grupo, líderes, os principais temas estudados pelos grupos e suas repercussões e os tipos de pesquisas desenvolvidas por membros dos grupos. Os resultados mostram que os grupos têm influenciado na produção de pesquisas acadêmicas sobre o ensino de cidade.

**Palavras-chave:** Grupos de pesquisas, Cidade, Ensino de Geografia e Produções acadêmicas.

### ABSTRACT

This study was created by thinkings about the relation of the research groups that study the theme of the city, especially those linked to Geography teaching, with the research that has been produced on city teaching at Geography teaching school. Then, we aim to answer the following question: to what extent do research groups on city education influence the production of knowledge regarding this topic in postgraduate studies in Geography, in Brazil? To answer this question, the production of this work aimed to show the researching groups related to the city, specifically those that discuss the teaching of Geography, in order to conceive the possible relationship of these groups with academic productions on this topic. The research has a descriptive focus on the groups surveyed in the Directory of Research Groups in Brazil, linked to the National Council for Scientific and Technological Development — CNPq. 13 groups were selected, 03 of which specifically deal with city teaching. To collect the information, a questionnaire was administered to the three group leaders. The organization and analysis

<sup>1</sup> Esse trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Vale ressaltar que pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí - UFPI., daniel09bueno@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí - UFPI., mugiany@yahoo.com.br;

of the data was made through a qualitative approach with the description of the information in the respective sequence: name of the group, leaders, the main themes studied by the groups and their repercussions and the types of research carried out by group members. The results show that the groups have influenced the production of academic research on city education.

**Keywords:** Researching groups, City, Geography teaching and academic productions.

## INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu a partir de reflexões sobre a relação dos grupos de pesquisas que estudam a temática cidade, especialmente os vinculados ao ensino de Geografia e com pesquisas produzidas sobre o ensino de cidade no âmbito da Geografia escolar. Assim, visamos responder ao seguinte questionamento: em que medida os grupos de pesquisas sobre ensino de cidade influenciam na produção do conhecimento a respeito desta temática nos trabalhos de Pós-graduação em Geografia, no Brasil?

Compreendemos que a temática da cidade é objeto de reflexão de vários grupos de pesquisas que contribuem para a produção do conhecimento sobre os fenômenos socioespaciais. Nesse contexto, vale destacar a construção de novos olhares sobre a referida temática relacionada ao ensino de Geografia. Dito isso, este artigo tem por objetivo apresentar os grupos de pesquisas que se dedicam ao estudo do ensino sobre cidade, no intuito de conceber a possível relação dos mesmos com as suas respectivas produções acadêmicas.

Nesse sentido, investigou-se os grupos pertencentes ao Diretório dos Grupos Pesquisas no Brasil, plataforma criada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Verificou-se que há três grupos que se dedicam ao ensino de cidade, sobre eles, identificou-se sua história e os trabalhos que seus membros desenvolveram por ocasião de suas pesquisas de mestrado ou doutorado. Ressalta-se que esta investigação se deu para subsidiar um dos objetivos da dissertação intitulada “Aspectos teórico-metodológicos das pesquisas de ensino de cidade no âmbito da Geografia escolar”, que está em andamento, no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Dessa maneira, organizamos este artigo em quatro partes sequenciais, a saber: a metodologia utilizada na pesquisa, a revisão teórica na qual é apresentada uma discussão sobre cidade, os resultados e discussão dos grupos de pesquisas sobre cidade e o ensino de Geografia, além da introdução e conclusão.

## METODOLOGIA

Este trabalho possui um enfoque descritivo, por apresentar uma contextualização dos grupos de pesquisa acerca do ensino de cidade, no intuito de entender se tais grupos têm relação com desenvolvimento de pesquisas de teses e dissertações nesta área. Como explica Prodanov e Freitas (2013), nesse tipo de pesquisa, o investigador visa descrever as características de um fato ou estabelecer relações entre as variáveis. Assim, foram cumpridas quatro etapas. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica sobre o conceito de cidade com base nas concepções de Rolnik (1994), Lecione (2008), Santos (2006), Lefebvre (2001), Carlos (1997 e 2007), Pires (2015) e Spósito (2019).

A segunda etapa consistiu na busca dos grupos, a qual ocorreu no Diretório dos Grupos Pesquisas no Brasil, ligada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq. Foram utilizados os descritores “cidade” e “cidades<sup>4</sup>” combinado com os filtros “qualquer palavra”, “nome do grupo”, “ciências humanas”, “Geografia”. Aparecem 28 grupos, dos quais apenas 13 foram selecionados por focarem especificamente no objeto cidade. Desse total, 03 grupos<sup>5</sup> estudam o ensino de cidade. Os critérios de seleção dos grupos ocorreram com base na leitura do título, o qual deveria ter explícito a palavra cidade ou cidades, além disso, a verificação dos temas de estudo e o certificado de atualização.

Na terceira etapa, ocorreu o processo de coleta das informações apenas dos três grupos que estudam o ensino de cidade para compreender de que maneira eles influenciam na produção das pesquisas dessa temática. As informações coletadas se deram a partir das respostas ao questionário aplicado aos três líderes dos grupos. No questionário, verificou-se temas estudados e suas repercussões, tipos de trabalhos desenvolvidos por membros dos grupos, ano de formação do grupo e instituição de origem.

Na última etapa, os dados foram organizados e analisados seguindo uma abordagem qualitativa que descreve as informações na respectiva sequência: nome do grupo, líderes, os principais temas estudados pelos grupos e suas repercussões e os tipos de pesquisas desenvolvidas por membros dos grupos.

## DISCUTINDO O CONCEITO DE CIDADE

---

<sup>4</sup> A utilização da palavra cidades no plural foi preciso porque os grupos de pesquisa apresentaram ela em seus títulos de forma variada, tanto no plural quanto no singular e também tem concepções diferentes do termo.

<sup>5</sup> Além desses grupos, existem outros que estudam o ensino de cidade, como o Grupo de Estudos Regionais e Urbanos – GERUR do curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, mas não contemplaram essa pesquisa devido aos critérios adotados já mencionados.

As cidades contemporâneas são espaços complexos, que possuem várias práticas socioespaciais que produzem conteúdos e formas contraditórias no espaço urbano. Pensar a cidade do ponto de vista conceitual é uma tarefa árdua, porque cada cidade possui características singulares, reflexo do modo de vida particular de cada sociedade que a (re)produz num determinado espaço e tempo.

Como bem pontua Pires (2015), do ponto de vista conceitual a cidade tem sido pensada, representada e adjetivada por geógrafos, filósofos, sociólogos, urbanistas, economistas, entre outros, conforme suas características, estruturas, função que exerce e as problemáticas que a afetam. Logo, na literatura disponível a respeito dessa discussão, a cidade é concebida de diferentes maneiras, o que é subjugado as diferentes tendências teórica-metodológicas e várias perspectivas (Pires, 2015). Como exemplo dessas perspectivas, a autora cita: cidade medieval, cidade renascentista, cidade colonial, cidade pré-industrial, cidade industrial, cidade portuária, cidade global, cidade grande, cidade média, cidade pequena, cidade satélite, dentre outras cidades com suas respectivas adjetivações para poder caracterizá-las.

Esses exemplos denotam o quanto é complexo discutir sobre a cidade conceitualmente. No entanto, aqui para discutir a cidade sob uma ótica conceitual será elencado elementos comuns a ela, independentemente do tamanho, dinâmica interna, funções e capacidade de articulação territorial em rede com outros espaços. Para tanto, considerar-se-á como referência a realidade das cidades regidas sob a lógica capitalista, principalmente as brasileiras, apesar de reconhecermos a existência de algumas cidades no mundo regidas por outros tipos de sistemas, tais como nas cidades em que predominam as ditaduras políticas e religiosas. Como pano de fundo para debate apoiaremos nas concepções de autores como Rolnik (1994), Lecione (2008), Santos (2006), Lefebvre (2001), Carlos (1997 e 2007) e Pires (2015).

De acordo com Rolnik (1994), as primeiras cidades se originaram a partir do processo de sedentarização, ou seja, com o desenvolvimento de técnicas menos rudimentares os grupos humanos que antes viviam na condição de nômades passaram se fixar como agricultores num determinado espaço constituindo seus territórios e produzindo excedentes agrícolas. Em função disso, as pessoas começaram a praticar outras atividades tal como a troca de mercadorias dos produtos agrícolas excedentes. Esse fenômeno deu origem a divisão do trabalho e formou novas estruturas espaciais compreendidas como campo e cidade. A cidade passa ter uma natureza própria marcada pelo uso dos seus espaços, revelando um modo de organização social que necessita da gestão da produção coletiva (Rolnik, 1994). Nesse sentido, para a referida autora, a existência material da cidade é explicada pela sua existência política, isto é, a capacidade das pessoas se organizarem para viver coletivamente num mesmo espaço.

Ainda sobre a perspectiva histórica, Carlos (1997, p. 57) diz que a cidade é um produto humano sempre em transformação “que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas<sup>6</sup>”. Assim, a autora assegura que a existência delas está ligada a pelo menos seis fatores: divisão do trabalho; divisão da sociedade em classe; acumulação tecnológica; produção de excedentes agrícolas resultantes da evolução tecnológica; sistema de comunicação e a concentração de práticas de atividades espaciais não agrícolas.

Com os avanços tecnológicos, os quais proporcionaram os processos de industrialização integrado a globalização mundial, o mundo tornou-se cada vez mais urbano. As cidades passaram por mudanças significativas em suas estruturas, formas de organização e (re)produção social. Todavia, cada cidade possui contextos socioespaciais particulares que se evidenciam pelos processos históricos de suas (re)produções. Porém, enquanto cada cidade é única em relação à realidade socioespacial, por outro lado, elas também manifestam aspectos homogeneizadores e antagônicos da globalização.

Compreendendo que cada cidade possui suas particularidades socioespaciais, Ronilk (1994) propõe definir aspectos que sejam comuns a elas. Assim, para a autora “a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (1994, p. 13). Conceber as cidades contemporâneas a partir dessa analogia, trata-se de entender a capacidade que elas têm no espaço-tempo de atrair pessoas para seu entorno em razão da oferta de serviços especializados e do trabalho. Conforme a autora, a cidade é também uma escrita, pois ao ser construída pela sociedade é produzido um texto que engloba normas (documentos, ordens e inventários), bem como as formas arquitetônicas urbanas (a paisagem) que marcam a memória da cidade.

Ainda para Ronilk (1994), pensar a cidade como ímã ou escrita é necessário entender que produzir e morar na cidade implica viver coletivamente, participar da vida pública, embora em determinadas situações tais participações sejam reduzidas ao cumprimento de regulamentos de uso dos espaços estabelecidas pelo poder público. Além disso, segundo a autora, há outra dimensão importante para se refletir sobre o espaço da cidade, a dimensão do mercado. A

---

6 Neste ponto, Carlos (1997) explica que a origem de uma cidade não ocorre por acaso, mas sim subordinado a uma ou mais funções urbanas que pode ser industrial, cultural, comerciais, administrativas, políticas, ligadas a estações de águas e lugar de veraneio ou sanatórios. Todavia, para a autora, as funções urbanas, as características e as formas de uma cidade mudam conforme as diferentes etapas relacionadas aos processos históricos de sua (re) produção.

própria cidade no bojo do capitalismo moderno e globalizado é um espelho do mercado, ou seja, a maneira como o seu espaço está organizado em função das atividades capitalistas, o modo de vida cotidiano das pessoas determinado pelo consumo são fatores que impõe uma nova configuração espacial à cidade.

Semelhante ao pensamento de Ronilk, Lencioni (2008, p. 115) enfatiza que “a cidade, não importando sua dimensão ou característica, é um produto social que se insere no âmbito da relação do homem com o meio [...]”. Sendo assim, a autora afirma que independentemente das variações espaciais e temporais entre as cidades, há uma relação comum entre elas, as quais são de aglomeração, sedentarismo, mercado e administração pública. Embora esses enfoques não contemplem toda a realidade espacial da cidade, eles se apresentam como referências relevantes para defini-la conceitualmente.

Vale ressaltar que essas concepções sobre o objeto cidade convergem para um ponto de concordância de que ela é um produto social histórico em constante processo de transformação. Nessa linha de raciocínio, Santos (2014) argumenta que a cidade pode ser definida como um conjunto de objetos, ações e lugar de existências das pessoas, ou seja, não é um produto absolutamente pronto, acabado, como se fosse, em síntese, um arranjo de formas, pois ela é o lugar da vida cotidiana, das práticas sociais que dão sentido a sua essência.

Reforçando essa ideia, podemos entender com base em Lefebvre (2001), que a cidade como objeto de teorização e análise é mais que um simples produto material, pois ela é uma obra da história de pessoas e/ou grupos. Para o autor, a produção da cidade, bem como das relações sociais, se dá mediante aos vínculos de (re)produção da sociedade urbana, por essa razão ela não é apenas um sistema de objetos tecnicamente produzido.

Com base em Lefebvre “[...] lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela foi escrita” (2001, p. 61). No entanto, o autor refere-se não às características visíveis da cidade, mas ao contexto em que o fenômeno está inserido, “[...] as relações imediatas, o inconsciente do ‘urbano’, aquilo que não se diz mais e se escreve menos ainda, aquilo que se esconde nos espaços habitados [...]” (*Ibidem*, p. 61). Desse modo, o autor diz que é fundamental fazer indagações ao conhecimento: “Quem e o quê? Como? Por quê? Para quem?”, pois são perguntas que anunciam e restituem o contexto, permitindo olhar a cidade além de um sistema determinado e fechado em um único conceito.

Partindo dessa compreensão, Lefebvre propõe uma definição da cidade “[...] como sendo a *projeção da sociedade sobre um local*, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano” (*Ibidem*, p. 62).

Essa primeira definição de cidade apresentada por Lefebvre (2001) expõe lacunas que, segundo ele, necessita de reflexões e complementos. Assim, o autor ressalta que a cidade escrita e projetada no espaço não é resultado apenas de uma ordem longínqua, mas da soma de forças relativas à ordem distante e a ordem próxima<sup>7</sup> que determina os processos históricos de constituição da cidade. Posteriormente, Lefebvre diz que a definição exige complemento, porque ela é insuficiente para desvelar as diferenças entre os tipos de cidades resultantes da história, entre os efeitos da divisão do trabalho nas cidades, entre as constantes relações “cidade-território”.

Baseado nesse pressuposto, Lefebvre (2001) apresenta outra definição, a qual não extingue a primeira, mas, sim, a complementa: a cidade como um *conjunto das diferenças entre as cidades*. Apesar disso, o autor considera esta acepção também insuficiente, pois não reflete as particularidades da vida urbana, os modos de vida, os movimentos do cotidiano, as formas dos arranjos espaciais, bem como o habitar no seu sentido literal. Diante disso, é colocado à tona uma terceira definição: a cidade como *espaço das relações*, o qual é singular, apresenta conteúdos diversos, atividades sociais determinadas por condições históricas.

Ainda para Lefebvre (2001), essas definições apresentadas, as quais estão relacionadas aos níveis de realidade social, não objetiva uma reflexão exaustiva sobre a cidade, muito menos exclui outras possíveis definições. Desse modo, o autor aponta que a cidade também pode ser concebida como *local do confronto e das relações* entre desejo e necessidade, entre a satisfação e insatisfação.

A reflexão a partir dessas ideias mencionadas põe em evidência a importância de se analisar a cidade a partir dos processos históricos de sua produção estabelecidas por agentes sociais<sup>8</sup>. Como assegura Carlos (2007), a cidade é uma construção humana, portanto, um produto histórico-social que se evidencia como trabalho materializado, acumulado no transcorrer do processo histórico da ação humana. Para a autora, pensar a cidade nessa perspectiva abre-se um caminho para o entendimento de ações do passado com o que se constroem no presente. Com isso, é assinalada a importância de pensar a cidade ligada a

---

7 Segundo Lefebvre (2001), a ordem próxima corresponde as relações dos sujeitos em grupos, mais ou menos organizados e estruturado, na qual os grupos se relacionam entre si. A ordem distante refere-se as normas sociais impostas por grandes instituições de poderes, como o Estado, assim como por uma cultura global, um modo de produção, um código geral.

8 Os agentes sociais produtores do espaço urbano são classificados como os proprietários dos meios de produção, agentes fundiários, promotores imobiliários, estado e o grupo dos excluídos, estes têm destaque na investigação geográfica sobre o espaço urbano, nos estudos de Corrêa (2004), que em outro momento (CORRÊA, 2019) discute a articulação dos agentes sociais, escala e produção do espaço.

sociedade e ao período histórico analisado.

Nessa mesma direção, Pires (2015) ao fazer uma discussão sobre cidade, fundamentada nas concepções de Lefebvre (2001) e Carlos (2007), similar a essas apresentadas anteriormente, aponta a necessidade de se pensar a cidade a partir de sua produção, considerando o movimento dialético da ordem próxima e distante. Assim, a autora diz que a cidade não é lugar apenas da produção capitalista (ferramentas, matérias-primas, mão de obra dos capitais), tampouco se reduz a um centro de decisões dos agentes hegemônicos que organiza a exploração dos agentes hegemonzados e se apropriam dos meios de produção. Logo, a autora afirma que a cidade é um produto histórico-social, lugar onde se projetam as formas e as estruturas mentais e sociais, as instituições e as ideologias, a vida cotidiana e as relações imediatas e, também, as dinâmicas que constituem e particularizam a sua realidade socioespacial.

Nesse sentido, são as práticas espaciais realizadas por agentes sociais, seja motivada por interesses econômicos, políticos, culturais, simbólicos ou pela correlação dialética entre essas e outras esferas, que dão forma e conteúdo singular à cada cidade. Conforme Carlos (2007), a produção e a reprodução espacial da cidade envolvem pelos menos três planos específicos e indissociáveis entre si: econômico, político e social. O primeiro diz respeito a cidade produzida conforme as necessidades de reprodução capitalista. O segundo refere-se à organização e dominação da cidade pelo Estado através da normatização de uso do seu espaço. E o terceiro corresponde as práticas socioespaciais essenciais para a manutenção da vida humana. Assim, para a autora, esses três planos revelam as características da cidade relacionadas as dimensões locais e globais.

Por esse ângulo, é elementar entender que apropriação e o uso do espaço urbano no mundo globalizado não se restringem apenas aos agentes locais, pois as cidades são integradas, com maior ou menor capacidade de fluidez, numa rede urbana, articulada territorialmente. É fundamental, nesse sentido, articulações de escalas geográficas local-global para compreender as complexidades dos fenômenos/fatos espaciais existentes na cidade, porque segundo Spósito (2019), as dinâmicas e os processos espaciais presentes na cidade se realizam a partir de interesses e conflitos que não se resumem a uma parcela do espaço, embora para as pessoas de menor poder aquisitivo aparenta ser atadas a territórios restritos, ou seja, possuem menos capacidades de locomoção entre um local e outro da cidade.

Fundamentado nessa ótica, Spósito (2019) enfatiza a articulação entre o próximo e o distante por meio da inter-relação entre escalas e redes, de modo que contribui para que as empresas, instituições e indivíduos transitem pelas escalas segundo suas condições econômicas. Essa dinâmica proporcionada em função dos avanços tecnológicos (*internet*, informação,

transporte) evidencia a descontinuidade territorial referente à apropriação e uso do tecido urbano, que conforme a autora, impõe “o fim da cidade como unidade espacial, comparativamente aos períodos pretéritos, tomando-se como referência a longa duração, [...] a cidade não pode ser pensada em si” (*Ibidem*, p. 35).

Nessa lógica, as cidades devem ser pensadas como espaços abertos, que mantém relação dialética entre local e global, pois o uso e a apropriação de seus espaços são sempre parcelares, conforme interesses diversos e condições socioeconômicas dos agentes sociais (Spósito, 2019). Essa dinâmica se revela a partir do uso do espaço urbano pelos agentes sociais hegemônicos e hegemonzados, o qual produz conteúdo e formas, frequentemente, contraditórias.

Dessa maneira, entender a cidade do ponto de vista histórico de sua produção, permite uma leitura de sua realidade espacial que perpassa a percepção imediata, ou seja, como se ela fosse só um conjunto de elementos que compõe tal espaço, mas que, ao refletir sobre seu conteúdo, é possível lhe dar sentidos e significados, a partir das múltiplas relações sociais promovidas pelos agentes locais, regionais, nacionais e globais, que fazem emergir as diversas problemáticas urbanas atuais.

É nesse sentido que a cidade aparece como tema relevante para o ensino de Geografia, uma vez que jovens escolares vivem ou têm relações diretas com ela. Assim, ao aprender essa temática na escola, os alunos têm a possibilidade de compreender os jogos de poder que (re)produzem o espaço da cidade, e como eles estão inseridos dentro desse processo. Com isso, é possível buscar maneiras de agir conscientemente, visando participar do processo de (re)produção desse espaço.

Dessa forma, subentende que é partir desse contexto que tem surgido pesquisas organizadas por grupos vinculados à IES para melhor compreender o processo de ensino e aprendizagem da temática sobre cidade, bem como propor novas abordagens teórico-metodológicas para seu ensino na Geografia escolar.

## **GRUPOS DE PESQUISAS SOBRE CIDADE E O ENSINO DE GEOGRAFIA**

A cidade, conceito discutido no item anterior, é um objeto que exige estudos multidisciplinares. Costuma despertar interesse de várias áreas do conhecimento que buscam compreender seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e ambientais, de modo que possa colaborar para a construção de um espaço mais justo para a vida coletiva. A Geografia é uma das ciências que tem contribuído para o entendimento dos fenômenos/fatos da cidade a partir de uma perspectiva socioespacial, a qual envolve articulações de conceitos específicos,

linguagens e princípios lógicos elaborados e/ou apropriados por esta ciência ao longo de sua história.

Nesse parâmetro, na Geografia brasileira, a temática da cidade é objeto de reflexão de vários grupos de pesquisa que têm contribuído significativamente para a produção do conhecimento sobre seus fenômenos socioespaciais, bem como para a construção de novos olhares e pesquisas sobre essa temática relacionada ao ensino de Geografia. Dessa forma, buscaremos aqui, apresentar os grupos de pesquisas referentes a cidade, especificamente aqueles que dialogam sobre o ensino de Geografia, no intuito de conceber a possível relação desses grupos com as produções acadêmicas acerca dessa temática.

A busca pelos grupos de pesquisas que versam sobre a cidade, assim como seu ensino na Geografia escolar, foi realizada no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, conforme explicado no tópico da metodologia. Esperamos que as informações coletadas possam colaborar para a nossa pesquisa de mestrado que tem por objetivo geral analisar os aspectos teórico-metodológicos utilizados nas pesquisas de teses e dissertações brasileiras de ensino de cidade no âmbito da Geografia escolar, produzidas entre os anos de 2002 a 2021. A pesquisa trata-se de um estudo denominado “estado da arte”, a qual é relevante para construir análise da trajetória de linhas de pesquisas, indispensável para avaliar o passado da produção e apontar caminhos na direção dos seus avanços (CAVALCANTI, 2016). Nesse sentido, estamos realizando um estudo com base no “estado da arte” que apresenta a possibilidade de mapear as pesquisas de teses e dissertações sobre o ensino de cidade, bem como apontar suas tendências e escolhas teóricas e metodológicas.

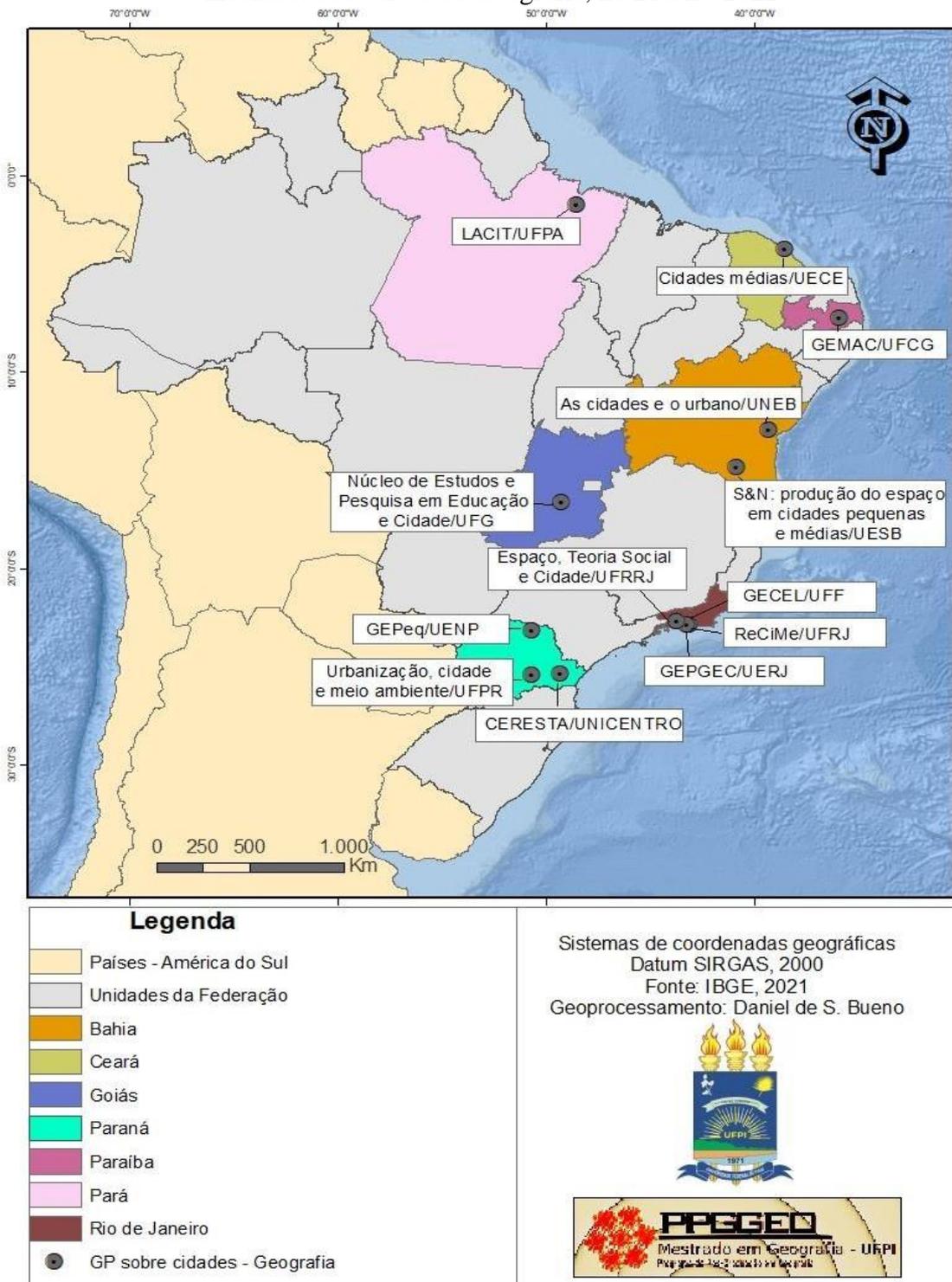
O levantamento dos grupos de pesquisa sobre a cidade e seu ensino torna-se importante, pois compreendemos que eles influenciam na produção acadêmica dessa temática. Assim, os grupos de pesquisa encontrados a partir da busca que não dialogam sobre questões específicas da cidade, assim como da sua relação com o ensino de Geografia, tem como foco o estudo de outros fenômenos/fatos interligados à cidade como, por exemplo, os problemas ambientais e sustentabilidade; dinâmica do espaço agrário e relação campo-cidade; Geografia da fome na relação campo-cidade e desenvolvimento; desenvolvimento desigual do capitalismo no movimento campo e cidade, entre outros.

Em relação aos 13 grupos de pesquisa selecionados, estes estão vinculados aos cursos de Geografia das IES - Instituições de Ensino Superior distribuídos pelo território brasileiro. A Figura 1 a seguir, expõe a localização desses grupos de pesquisa no país com destaque de suas siglas ou nomes completos. Observa-se que a maioria dos grupos se encontra no Rio de Janeiro (04 grupos), seguido por Paraná (03 grupos), Bahia (02 grupos), Goiás (01 grupo), Ceará (01 grupo),



Paraíba (01 grupo) e Pará (01 grupo). Assim, há uma discrepância regional quanto a distribuição desses grupos, pois estão concentrados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste enquanto nas regiões Norte e Centro – Oeste apresentam menos grupos.

**Figura 01** – Mapa de localização dos grupos de pesquisa sobre cidade/e ensino de cidade vinculados aos cursos de Geografia, no Brasil - 2022.



Fonte: IBGE (2022). Organização: autor (2022)

Esses grupos de pesquisa abordam estudos relacionados as temáticas: cidades e o urbano; cidades médias e pequenas; processo de urbanização; produção do espaço das cidades; questões ambientais na cidade; resistências territoriais na cidade e a cidade no ensino de Geografia (ver Quadro 1). Os grupos são organizados hierarquicamente em torno de uma ou duas lideranças, na qual os critérios sistematizadores destas hierarquias são dados pela experiência e destaque no meio científico e tecnológico (BRASIL, 2017).

**Quadro 1** – Grupos de pesquisas referente a cidade nos cursos de Geografia das Instituições de Ensino Superior do Brasil

<b>IES</b>	<b>Lider(es)</b>	<b>Grupo de pesquisa</b>	<b>Ano de formação</b>
UFPR	Francisco de Assis Mendonça; Myrian Regina Del Vecchio de Lima	Urbanização, cidade e meio ambiente	1996
UECE	Zenilde Baima Amora	Cidades médias	1999
UFF	Ester Limonad; Jorge Luiz Barbosa	GECCEL – Laboratório de Estudos da Cidade, Espaço e Lugar	2001
UFG	Lana de Souza Cavalcanti Karla Annyelly Teixeira de Oliveira	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade	2001
UFRJ	William Ribeiro da Silva Doralice Sátyro Maia	ReCiMe - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias	2007
UERJ	Ana Claudia Ramos Sacramento	Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades – GEPGEC	2014
UFRRJ	Maurilio Lima Botelho Lirian Melchior	Espaço, Teoria Social e Cidade	2010
UNEB	James Amorim Araújo Joilson Cruz da Silva	As cidades e o urbano	2011
UFCG	Luiz Eugênio Pereira Carvalho	GEMAC – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, Meio Ambiente e Cidade	2014
UESB	Altemar Amaral Rocha	Sociedade & Natureza: produção do espaço em cidades pequenas e médias	2017
UNICE-NTRO	Fernanda Keiko Ikuta Marcelo Barreto	Coletivo de Estudos e Ações em Resistências Territoriais no Campo e na Cidade – CERESTA	2018
UENP	Pedro Henrique Carnevalli Fernandes	Grupos de Estudos sobre Pequenas Cidades (GEPeq)	2020
UFPA	Jovenildo Cardoso Rodrigues	LACIT-Laboratório de Pesquisas sobre Cidade, Território e Vulnerabilidade Socioambiental	2021

Fonte: O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (2022). Organização: autor (2022)



Verificou-se a existência de 03 grupos de pesquisa que vincula a cidade ao ensino de Geografia: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, Meio Ambiente e Cidade – GEMAC, da Universidade Federal de Campina Grande, PB, liderado por Luiz Eugênio Pereira Carvalho; Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade, da Universidade Federal de Goiás, sob as lideranças de Lana de Souza Cavalcanti e Karla Annyelly Teixeira de Oliveira e; o Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação e Cidades – GEPGEC, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, liderado por Ana Claudia Ramos Sacramento. Vale frisar que na Geografia brasileira, além desses três grupos encontrados, existem outros que estudam o ensino de cidade, como por exemplo o Grupo de Estudos Regionais e Urbanos – GERUR do curso de Geografia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, mas não apareceram neste levantamento devido aos critérios utilizados, como as palavras chaves e os filtros de busca no diretório CNPq.

A partir de uma consulta relativa a esses três grupos na plataforma e, ainda, um questionário respondido pelos líderes desses grupos, foi possível obter algumas informações como as principais temáticas estudadas por eles, a repercussão desses estudos e os tipos de pesquisa desenvolvidas por membros dos grupos.

Dessa forma, o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade (UFG), formado em 2001, constitui-se como primeiro grupo de pesquisa sobre ensino de cidade criado no bojo da Geografia brasileira. Este grupo vem estudando temas como metodologia de pesquisa, com ênfase na abordagem qualitativa; profissão, profissionalização e práticas docentes; cidade e urbano; Geografia: conceitos, teoria e método. A divulgação das pesquisas pelo grupo ocorre no âmbito regional e nacional, através de palestras, cursos, eventos, produção e publicação de material referente ao ensino de Geografia. As pesquisas do ensino de cidade desenvolvidas por membros do grupo circunscrevem artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC, dissertações e teses.

Quanto ao GEMAC, este foi formado em 2014. Tem realizado investigações nas linhas de pesquisas de qualidade ambiental da cidade – Rios Urbanos em Campina Grande; Geografia Política da Educação – Programa de Escola em Tempo Integral na Paraíba; Ensino de Geografia: abordagens históricas e metodológicas – TDICs no Ensino de Geografia; História da Geografia Escolar; Ensino da Cidade - Produção de Jogos para o Ensino de Geografia.

Os estudos desempenhados pelo GEMAC têm como principal objeto a cidade de Campina Grande e outras do interior paraibano. As investigações realizadas objetivam dialogar sobre a recente produção bibliográfica da qualidade ambiental urbana com os estudos empíricos no espaço urbano do interior da Paraíba. As temáticas abordadas nas investigações científicas são divulgadas nas escolas de ensino básico, no intuito de articulá-las com os processos de

ensino e aprendizagem em Geografia. Embora o GEMAC tenha nove anos de fundação, o grupo ainda não possui estudos de mestrado e doutorado acerca do ensino de cidade desenvolvidos por membros do grupo. Sendo assim, os tipos de pesquisas referentes a essa temática desenvolvida por pesquisadores que compõem esses grupos são: Pesquisa de Iniciação Científica - PIBIC e Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC.

O terceiro grupo denominado GEPGEC, criado em 2014, tem investigado temas referentes ao ensino de cidade, didática da Geografia, currículo, formação de professores, temáticas físico-naturais, metodologias de ensino de Geografia e materiais didáticos. Os estudos são divulgados em anais de eventos, livros, revistas científicas, capítulos de livros, materiais didáticos, oficinas e outros. As pesquisas sobre ensino de cidade desenvolvidas por membros do grupo consistem em: dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC e Pesquisas de Iniciação Científica - PIBIC.

Com isso, percebe-se que nos grupos apresentados há um envolvimento constante com atividades de pesquisas na área do ensino de cidade. Isto porque as informações revelam relações direta entre esses grupos e a produção de pesquisas acadêmicas de teses e dissertações, bem como outros tipos de trabalhos sobre essa temática. No levantamento dos trabalhos de teses e dissertações sobre ensino de cidade, realizado na pesquisa mencionada anteriormente, tem se percebido que boa parte das produções foram elaborados através do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG, onde se localiza o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade. Dos 20 trabalhos encontrados, 08 advém do Programa da UFG.

Nesses trabalhos, os pesquisadores mencionam a importância do “Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade” na definição do tema de seus estudos. A exemplo, Portela (2017) diz que o aprimoramento do tema da sua pesquisa teve contribuições relevantes de discussões realizadas nos grupos de pesquisas, “[...] sobretudo as feitas no Núcleo de Pesquisa em Ensino de Cidade – NUPEC – e no Núcleo de Pesquisa sobre o Currículo, Ensino e Formação de Professores de Geografia – NUCEF [...]” (p.18). Da mesma forma, Christan (2020) afirma que a definição da temática do seu trabalho teve contribuições importantes de debates “[...] promovidas pela disciplina Formação de Professores em Geografia ministrada pelas professoras Míriam Aparecida Bueno, Lucineide Mendes Pires e Cristina Costa Leite e pelo Núcleo de Pesquisa em Ensino de Cidade – NUPEC [...]” (p.18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se compreender em que medida os grupos de pesquisas sobre

ensino de cidade influencia na produção acadêmica a respeito desse tema. Todavia, buscou-se antes discutir a cidade do ponto de vista conceitual. Assim, compreende-se que cada cidade possui suas particularidades e, ao mesmo tempo, elementos que lhes são comuns. São, portanto, espaços complexos produzidos pelas relações sociais que apresentam contradições em suas realidades socioespaciais. Com isso, desperta interesse, principalmente de grupos de pesquisas na área da Geografia, vinculados à IES, que organizam pesquisas para melhor compreender o espaço urbano da cidade, assim como processo de ensino e aprendizagem acerca desse objeto.

Dessa forma, ao verificarmos os grupos de pesquisas sobre ensino de cidade, formado na Geografia acadêmica brasileira, evidenciou-se que eles são importantes para a produção acadêmica, na medida em que consistem como meios potencializadores de pesquisas nessa área. O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade, nesse ponto, apresentou-se como grupo expoente no estudo da cidade ligada ao ensino de Geografia.

Desse modo, conclui-se que os grupos tem contribuído para a produção de pesquisas acadêmicas sobre o ensino de cidade, pois se verificou que os membros dos grupos têm desenvolvido tipos de estudos como PIBIC, TCCs, dissertações e teses. No entanto, no que tange ao desenvolvimento desses dois últimos tipos de estudos, constatou-se que o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Cidade desenvolveram pesquisas de teses e dissertações sobre o ensino de cidade, enquanto o GEPGEC apenas dissertações. No GEMAC ainda não foi desenvolvido pesquisas de teses ou dissertações acerca do ensino de cidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério de ciência e tecnologia, Conselho nacional de pesquisa científica e tecnologia.** <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 17/02/2023.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** - 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

CAVALCANTI, Lana de S. **Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil?** Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. Boletim Goiano de Geografia, UFG. Goiás, Brasil. vol. 36, núm. 3, set/dez, 2016. p. 399- 419 Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337148745002>> Acesso em: 10 de março de 2023.

CRISTAN, Patrícia. **A prática espacial cotidiana na cidade e prática pedagógica no ensino de Geografia.** Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.



LENGIONI, Sandra. **Observações sobre o conceito de cidade e urbano.** GEOUSP - Espaço e Tempo. São Paulo, n. 24, p. 109-123, 2008. Disponível em: Acesso em 23 de jun. de 2021.

LEFEBVRE, Herry. **O direito à cidade.** Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens na/da cidade: da cultura geográfica ao direito à cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza.; CHAVEIRO, Eguimar Felício.; PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

PORTELA, Mugiany Oliveira B. **O Ensino de Geografia sobre Cidade na Educação Básica:** conhecimentos geográficos de jovens universitários em Teresina - PI. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade.** 3. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1994.  
SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: Escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Et al.* (orgs.). **A produção do espaço urbano:** Agentes e processos, escalas e desafios. 1ª ed., 7. Reimp. - São Paulo: Contexto, 2019.